

"Se causo incômodo, isso diz muito mais sobre os outros do que sobre mim"

Infância tranquila, criação livre para fazer escolhas e presença forte de toda a família. Assim descreve Pedro Matias, 29 anos, pedagogo de formação e coordenador de projetos na Casa de Ismael, quando levado a recordar-se sobre seus anos iniciais. Em casa, as mulheres eram figuras importantes e, desde cedo, despertaram sua admiração.

Ainda nesse período, lembra-se de estudar em uma escola que dividia o espaço da sala de aula em rosa e azul; por identificação, ficava no canto rosa. Tal situação foi levada para a família com preocupação pela comunidade escolar, que recomendou acompanhamento médico. "Naquela época, em 1995, isso não era considerado normal." Apesar de achar estranho, a mãe o levou a uma psicóloga, que os orientou a trocarem o menino de colégio, pois aquele não era o ambiente adequado para o seu desenvolvimento.

Sempre percebeu que era diferente, mesmo quando ainda não compreendia com exatidão do que se tratava. Na adolescência, veio o sentimento de culpa, vergonha e a necessidade de querer se enquadrar em padrões. Por evitar tocar no assunto, sentiu-se muito sozinho. Com os pais, mesmo a relação sendo muito boa, houve medo e receio de contar sobre sua homossexualidade.

Aos 16 anos, tomou coragem e conversou com a mãe, interesse que também partiu dela. "Eu me senti muito acolhido e compreendido, foi o que me fortaleceu." Planejaram juntos como contar ao pai e, para a surpresa de ambos, ele também aceitou bem a situação. "Meu pai nem sempre me entende, mas sempre me acolhe, respeita e faz de tudo para me compreender, o que considero mais importante. Eles abraçam meus amigos e amigas e já foram, inclusive, na



Pedro Matias, coordenador de projetos na Casa de Ismael, com os pais na parada LGBTQIA+

SERVIÇO

A Casa Rosa localiza-se em Sobradinho e atende ao público LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social. Para solicitar um processo de acolhimento, fazer doações ou se candidatar como voluntário, acesse os links presentes no perfil do Instagram: @casarosadf.

parada comigo", relata.

A adolescência, período terrível, segundo ele, para qualquer pessoa LGBTQIA+, foi marcada por um turbilhão de emoções e por casos de intolerância que, na época, por não serem bem compreendidos, eram naturalizados. Sofria bullying e também praticava, como forma de autodefesa. Apesar de ter amigos, lembra-se de ser um momento bastante solitário, por não compartilhar seus sentimentos e suas vivências. Somente no final desse período, aos 18 anos, sentiu-se mais confiante para começar a dividir tais experiências, inclusive com uma prima, que se reconheceu lésbica.

Por considerar-se diferente do esperado pela sociedade, não está livre de desconfortos causados pelo preconceito. "Isso é coisa de mulher", já escutou inúmeras vezes. Hoje, encara com mais naturalidade. "Se causo incômodo, isso diz muito mais sobre os outros do que sobre mim.

O incômodo é bom, nesse sentido, justamente por despertar questionamentos nos outros."

Um ato político

Mas releva, claro, que é preciso avaliar se há espaços de segurança para essa atitude. "Acho que é um privilégio eu me sentir seguro para encarar essas situações. Sei que tantos outros não o têm. Por isso, continuamos lutando por nossos direitos, já que viver, para nós, é um ato político".

Como voluntário da Casa Rosa, instituição destinada a acolher e prestar assistência à população LGBTQIA+, Pedro já realizou eventos para arrecadar recursos e, atualmente, é coordenador pedagógico e compõe a diretoria da ONG. Lá, objetiva-se fortalecer vínculos e proteger aqueles que sofreram violências e rupturas com a família e necessitam de um lar. Há o desenvolvimento de oficinas culturais, acompanhamento psicológico e assessoria jurídica.

Para Pedro, as histórias mais emocionantes são daqueles que conseguiram, com muito esforço, sentir-se realizados, seja conquistando o emprego desejado, seja mudando de nome. Há, também, muita satisfação, nos voluntários, em poderem possibilitar tais oportunidades, que os motivam a dar continuidade aos projetos. Pessoalmente, o jovem trabalha pensando e construindo políticas públicas para fortalecer a população LGBTQIA+ do Distrito Federal.